

EDITORIAL

Lembrando Ulpiano Meneses, a chamada “cultura material” participa decisivamente na produção e na reprodução social. Os artefatos, mais do que um produto gerado por essa cultura, apresentam-se como vetores das relações sociais ali desenvolvidas. Assim é que, neste Dossiê, quisemos reunir estudos que permeiam a dimensão da materialidade da vida escolar e seus espaços, perpetrando valores, costumes, práticas e representações, além de objetos e narrativas que se constituíram em um determinado espaço-tempo escolar.

Dos museus de sala de aula do século XIX à lousa eletrônica no século XXI, uma variedade de materiais invadiram o universo escolar. Entretanto, observamos que essa materialidade foi apropriada de diferentes maneiras, tanto por sujeitos comuns quanto, pelos hierarquicamente posicionados, produzindo imagens, discursos e enredos de uma **Cultura Escolar**.

Também as fontes iconográficas conquistaram um lugar de destaque, nas últimas décadas, tornando-se reveladoras de um cotidiano muitas vezes perdido na memória do tempo. Assim, as fotografias e desenhos, surgiram como trilhas para a compreensão dos “modos de fazer e de pensar” permitindo a apreensão dos artefatos e sua apropriação pelos sujeitos, que mediaram as relações do todo com o exercício docente e discente no espaço escolar.

Ana Paula de Souza Kinchescki, Gustavo Rugoni de Sousa e Vera Lucia Gaspar da Silva refletiram sobre *Objetos Da Escola: Modernidades Que (Im)Portam!* Destacam que, a leitura e a análise das fontes pesquisadas permitiram realizar reflexões sobre os diferentes modos de pensar e de fazer que ajudaram a edificar um projeto de escolarização da infância, em Santa Catarina (RS). O projeto imaginário, defendido e construído para composição das escolas primárias, foi portador de uma modernidade na intenção na difusão, muitas vezes distantes da intenção dos governantes. As solicitações dos materiais para uso em sala de aula visavam o melhor aparelhamento didático para a prática docente como as penas de aço, lousas, tinteiros, régua, moveis escolares, entre outros. O estudo reforça a importância desses objetos na cultura material escolar, onde os

denominados materiais escolares, compunham a proposição dos projetos de ensino-aprendizagem como um mínimo necessário, às práticas escolares.

Cintia Gonçalves Martins pesquisou o Jornal Escolar *O Estudante Orleanense*, produzido pelos alunos da Escola de Educação Básica Costa Carneiro, entre os anos de 1949 a 1973, à época denominada Grupo Escolar Costa Carneiro, na cidade de Orleans no extremo Sul de Santa Catarina (SC). A análise documental feita em 57 exemplares do jornal permitiu perceber as contribuições desse artefato na construção Cultura Escolar da instituição de ensino, verificando traços do cotidiano da escola, suas práticas educativas, que como comenta a autora, estes impressos foram produzidos no contexto de uma cultura escolar ao mesmo tempo que, atuaram na sua produção.

Juliana Miranda Filgueiras e Jorge Eduardo Lima Araújo visitaram a *Cultura Escolar - Rituais Cívicos e Ensino de História nas escolas de Alfenas (MG) durante o Regime Militar*. Os ritos e as ritualizações desenvolvidas no espaço escolar constituíram permanentes hábitos baseados em práticas educacionais com o auxílio da História, preservando tradições e ressaltando valores cristalizados pela sociedade. Assim, as festas escolares, eventos cívicos, hasteamento da bandeira sob o canto do hino nacional pelos alunos, tornaram-se presentes na memória do tempo e do espaço escolar constituído por uma pedagogia moral e cívica, celebrativa dos valores republicanos, que assim eram social e culturalmente, compartilhados.

Cristiane Pereira Peres e Alessandra Cristina Furtado propõem uma interessante abordagem sobre a “*Cultura Escolar e Escolas Indígenas de Dourados (MT) no século XX: o encontro entre culturas*”, criadas e instaladas pela Missão Evangélica Caiuá (MEC). Para tanto, foram analisados documentos das décadas de 1960 e 1970 como relatórios de atividades, provas e conteúdos ministrados, relatórios semestrais das escolas e, também, atas de reuniões e atividades pedagógicas. A importante discussão sobre a cultura escolar das escolas indígenas, construídas a partir de suas práticas e representações, mostrou que sem abandonar o projeto republicano o objetivo educacional maior, era “civilizar” esses indivíduos tornando-os cívicos e aptos para o trabalho agrícola, contribuindo dessa forma, com o desenvolvimento social do Estado.

Maria Zélia Maia de Souza traz um estudo importante de *Cultura Material Escolar no Instituto Profissional João Alfredo (1894-1932)*, que funcionou com assistência social escolar no Rio de Janeiro à parte das escolas regulares. A autora discute a hipótese “de que a questão que se apresenta para aquele momento era a educação de jovens para uma inserção mais qualificada na sociedade. Isto é, uma aprendizagem profissional, sem perder a dimensão assistencialista, mas que não é mais tal qual desenvolvida no século XIX, ou seja, abrigar, alimentar e ensinar um pequeno ofício.”

Susane Costa Waschinewski nos traz em *Itinerários de uma Professora: um diálogo com os Manuais Didáticos*, a realidade de uma Coleção de Manuais Escolares denominada “Biblioteca de Orientação da Professora Primária-Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE)”, destinada à instrução das professoras primárias durante as décadas de 1950 e 1960, do município de Criciúma (SC). A autora observou que esse material integrava um conjunto de campanhas educacionais brasileiras cujo objetivo era aperfeiçoar o ensino primário, qualificar os professores e funcionários escolares, atuar para reduzir os elevados índices de evasão e repetência do país, além de propagar “novos” métodos educacionais considerados modernos. Em busca de identificar o doador dos manuais, conheceu uma professora cujas memórias docentes protagonizou o entendimento desses rastros documentais, que respaldam as memórias de uma materialidade geradora de importantes narrativas dessa cultura escolar.

Nadjelena de Araújo Souza e Maurilane de Souza Biccas em um estudo sobre Arquitetura Escolar e Patrimônio Histórico, tiveram como foco de pesquisa o *Centro Interescolar Dr. João Bacelar Portela e da Escola Técnica Estadual do Maranhão*, onde se encontra uma rica fonte para o entendimento das práticas escolares. O recorte temporal utilizado foi o ano de 1971, ano da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71 até o ano de 1991, quando a denominação da escola havia passado para Escola Técnica Estadual. Ao concluírem que, o programa do edifício escolar, foi desenvolvido nos parâmetros de uma arquitetura funcional de baixo custo com formas retilíneas, planas, ausência de decoração e organizada por blocos, para que cada espaço desempenhasse uma função, perceberam que ele expressava e refletia os discursos da política educacional implantada na década de 1970, disciplinarizando o uso dos espaços e

lugares que cada sujeito deveria ocupar.

Giani Rabelo, Janine Moreira, e Vanessa Massiroli discutiram sobre o “*Pelotão de Saúde “Saúde-Força-Alegria”*: vestígios do movimento higienista na cultura escolar do sul de Santa Catarina (1962-1985)”. Nas palavras das autoras, “os Pelotões da Saúde foram implantados nas escolas brasileiras, vinculados às Associações Auxiliares da Escola no contexto do movimento de higienização social, a partir dos anos de 1940, cujo objetivos era o desenvolvimento de hábitos de higiene “físicos e mentais” considerados saudáveis e necessários à construção da nação civilizada”. Esses Pelotões se inseriam no cenário de higienização social e no contexto da eugenia e higienização da raça, fazendo parte das ações de instrução dos estudantes com os cuidados com a saúde e higiene pessoal. Mediante uma vasta e profunda análise documental das atas, registros, cadernos e práticas que compõem essa cultura escolar e a dinâmica das Associações Auxiliares da Escola, averiguaram os arquivos a fim de identificar e problematizar os vestígios das práticas do movimento higienista na escola.

Klênia Marcela da Silva Moraes e Késsia Mileny de Paulo Moura em *O Método Experimental, na perspectiva da Aprendizagem Significativa, no ensino de Ciências dos anos iniciais*, vem reafirmar a importância das atividades experimentais e da quantidade de informações que a criança se depara estimulando o conhecimento pela discussão e pelo questionamento, abordando a teoria, pois uma é complemento da outra.

Por fim, e não menos importante, Adriana Cavalcanti e Paulo Cesar Marques de Andrade Santos contribui com uma Resenha sobre a obra “*Formação de Professores na contemporaneidade: enfoque, sentidos e desafios*” formada por investigações que perpassam os focos de interesses que a temática propõem. A problemática emergente da formação docente, na referida obra, é tecida em nove capítulos que se complementam, e instigam o leitor, capítulo a capítulo, a se aprofundar sobre as diferentes especificidades que entrelaçam a formação docente.

Agradecemos a todos os autores, pareceristas, corpo técnico e revisores, bem como ao Centro Universitário Moura Lacerda, que possibilitou este número especial da Revista Plures Humanidades - Dossiê sobre Cultura Escolar.

Profa. Dra. Maria de Fatima da S. Costa G. de Mattos